

LITERATURAR A FORMAÇÃO DE PESQUISADORAS-ALFABETIZADORAS

LITERATURING THE TRAINING OF LITERACY RESEARCHERS

Sônia Regina da Luz Matos Matos

Universidade de Caxias do Sul
srmatos@ucs.br

RESUMO

Literaturar a formação de pesquisadoras-alfabetizadoras ocorre no grupo de pesquisa Pedagogia da Diferença. O texto inicia apresentando a *Rede de Pesquisadores Escreituras* (CORAZZA, 2011), de onde é retirado o modo de fazer, ou seja, o método de nossas pesquisas, o próprio ato de *literaturar* (CORAZZA, 2017; MARUJU, 2023). Assim, este método constitui o percurso das quatro pesquisas de dissertações de professoras-alfabetizadoras da região da serra gaúcha. O objetivo deste texto é mostrar como o *literaturar* constitui parte da experiência da leitura de fruição literária e filosófica na escrita das dissertações das pesquisadoras-alfabetizadoras. Como resultado, afirmamos que as participantes alfabetizadoras do grupo de pesquisa em suas investigações criam um microcombate de fruição filo-literária no território de sua formação quando exercitam o *literaturar* em suas escritas acadêmicas.

Palavras-chave: Alfabetização. Literaturar. Escreituras. Docência.

ABSTRACT

Literaturing the training of literacy researchers takes place in the Pedagogy of Difference research group. The text begins by presenting the *Rede de Pesquisadores Escreituras* (CORAZZA, 2011), from where the way of doing is taken, that is, the method of our research, the act itself of *literaturing* (CORAZZA, 2017; MARUJU, 2023). Thus, this method constitutes the path of four dissertation researches of literacy teachers from the *Serra Gaúcha* region. This text aims to show how *literaturing* constitutes part of the reading experience of literary and philosophical fruition in the writing of the dissertations by the literacy researchers. As a result, we affirm that the literacy participants of the research group in their investigations create a micro-combat of philo-literary fruition in the territory of their training when they exercise *literaturing* in their academic writings.

Keywords: Literacy. Literaturing. Escreituras. Teaching.

Introdução

Quando escrevo faço o gato falar!

A investigação sobre o tema *literaturar a formação de pesquisadoras-alfabetizadoras* é parte do grupo de pesquisa Projeto Pedagogia da Diferença (MARUJU; MATOS, 2022). O texto inicialmente mostra o veículo conceitual, de onde o *literaturar* é retirado da produção científica da rede internacional - Europa e América Latina - *Escreituras: um modo de ler e escrever em meio à vida*², do qual nosso grupo de pesquisa faz parte desde 2012.

1 Igor – apelido -, uma das crianças de 6 anos, durante um dos ateliês de *literaturar a alfabetização*, responde a alfabetizadora (MATOS, 2014).

2 <https://www.ufrgs.br/escreiturasrede/sobre/>

A metodologia deste trabalho, ou dito de outro modo, o próprio ato de *literaturar* (CORAZZA, 2017; MARUJU, 2023), se faz por meio de quatro pesquisas de dissertações de professoras-alfabetizadoras, com o objetivo de mostrar como o *literaturar* se constitui na experiência da leitura de fruição literária e filosófica nas escritas das dissertações das pesquisadoras-alfabetizadoras. Descrevemos como o ato de *literaturar pesquisas em alfabetização* toma o espaço nas dissertações de alfabetizadoras de quatro municípios da serra gaúcha, no Rio Grande do Sul. Atualmente, já temos quatro dissertações concluídas. Mostraremos as montagens do *literaturar* estendidos pelas *escreleituras* nas pesquisas das alfabetizadoras. Esse espaço acolhe o coletivo de alfabetizadoras nas pesquisas, destes municípios, ou seja, atualmente já temos a participação de outras alfabetizadoras no grupo de pesquisa (atuam no primeiro ano do Ensino Fundamental). Cabe destacar que as participantes, alfabetizadoras, produzem protocolos de experiências do ato de *literaturar* a alfabetização. Por isso, podemos afirmar que o artigo mostra um grupelho de alfabetizadoras que devolvem a produção singular durante suas escritas acadêmicas. Tendo uma das linhas investigativas estar *com* alfabetizadoras em espaços escolares (PIMENTEL, 2022), abrindo não somente a escuta, mas legitimando a produção do ato de *literaturar* a alfabetização como constituidora de seu eixo principal em sua formação de pesquisa. Eis nosso atual microcombate!

Uma vida de pesquisadoras-alfabetizadoras

Todas as quatro pesquisadoras-alfabetizadoras das dissertações do grupo de pesquisa do Projeto Pedagogia da Diferença (MARUJU; MATOS, 2022), com foco no *literaturar* a alfabetização, são professoras de escolas públicas da região da serra gaúcha, especificamente nos municípios de Caxias do Sul, de Nova Prata e de Veranópolis, RS. As pesquisas e os temas destas quatro dissertações se fazem no espaço por meio dos espaços do dia-a-dia da escolar, elas são inquietações e desafios de agires das salas de aulas de alfabetização de crianças.

O encontro com o transbordamento do *literaturar* no território da alfabetização não se faz possível sem a necessária parada de atualizar a pesquisa Pedagogia da diferença: *literaturar* a alfabetização (MARUJU; MATOS, 2022). Deste veículo se extrai o ato de *literaturar* da produção científica da rede de pesquisadoras brasileiras que internacionalizam o tema: *Escreleituras: um modo de ler e escrever em meio à vida* (CORAZZA, 2011; GARCIA, 2022), do qual, nosso grupo de pesquisa faz parte desde 2011. Essa rede proporciona nossa travessia entre a sua larga produção acadêmica na formação da docência e um dos objetivos do nosso Projeto é o ato *literaturar* se constituindo como uma política de formação de pesquisadoras-alfabetizadoras.

As matérias de pesquisas do Projeto Pedagogia da Diferença se tomam pelas veias de vida, ou seja, tomam “vida” como sinônimo da palavra “encontro”. Encontro que produz sentidos constituidores de espaços-tempos moventes de vidas-de-pesquisadoras-alfabetizadoras³. Pesquisadoras-alfabetizadoras que se movem ao modo de afetarem-se e de serem afetadas – intensidades - por espíritos estéticos (AQUINO; CARVALHO; ZORDAN, 2022) e que se empenham no ato de alfabetizar. Elas juntam as linhas intensivas acadêmicas de amizade intelectual (AQUINO, 2014) com o conceito de *escreleituras*, para comporem seus problemas e desafios de pesquisas pelas intensidades e objetividades do que se passa em meio à vida de quem alfabetiza. O que se dá quando nos implicamos por arredores desta composição?

3 Vamos usar o gênero feminino no texto, pois até o presente momento em nosso grupo de pesquisa apenas mulheres são pesquisadoras-alfabetizadoras. Além disso, a alfabetização se apresenta como majoritariamente docência feita por mulheres. Sendo necessário o território da alfabetização tomar essa força discursiva para produzir para um território de combate que não está explicitado neste texto, mas é matéria de uma pesquisa que iniciamos atualmente, que é o combater do pensamento patriarcal no território da alfabetização, descolonizar a alfabetização deste tipo de ato pedagógico, o pensamento patriarcal.

As *escreleituras* são um inquieto fio do que constitui o ato de *literaturar* no território da alfabetização, cujo sentidos afirmam-se nas *escreleituras*. Afirma-se os sentidos e espaços de uma-vida-em-alfabetização que aprende sobre o ato de alfabetizar, investindo em viver o princípio pedagógico do *literaturar* a alfabetização em suas pesquisas. Demarcaremos neste texto apenas um dos princípios como resultados parciais de nossas pesquisas. O ato de *literaturar* entra nos textos das pesquisadoras-alfabetizadoras pelo laborioso investimento no procedimento de que: a leitura arrasta a escrita e, a escrita, a leitura, eis o procedimento que dispara o ato de *escreleiturar* em meio à vida de pesquisadoras-alfabetizadoras.

Para a montagem⁴ deste princípio como procedimento na formação das pesquisadoras-alfabetizadoras em nosso grupo de pesquisa, temos encontros com algumas amigadas intelectuais. Elas nos dão as matérias para fazer a fruição literária e filosófica, que é de onde retiramos a potência de causar o *literaturar* nas dissertações das alfabetizadoras. Assumimos amigadas intelectuais com o conceito de *literaturar* junto às produções da Rede Escreleituras (GARCIA, 2022) e a tese *Literaturar: uma escrita pelo ato* (MARUJU, 2023), bem como com pensadores franceses Barthes (2006) do território da crítica literária e o filósofo Deleuze (1996) da filosofia da diferença (GALLO, 2010).

Da leitura arrasta-se a escrita

A leitura arrasta a escrita e a escrita a leitura, eis o ato de *escreleiturar-se*. Tal movimento diante dos textos necessariamente passam pela vida. A vida que dispara a nossa condição de fragilidade, ou seja, um fio de ação pedagógica alfabetizadora cujos limites [entre] tenacidade e fragilidade desviam da obsolescência das políticas públicas que se voltam à *escrevência* (BARTHES, 2010).

O autor Roland Barthes (2006), junto ao termo *escrevência*, afirma que nem sempre essa está aliançada ao texto em meio à vida, sendo as *escreleituras* (CORAZZA, 2011) inseparáveis do texto-vida. Encaminhamos então o argumento de que a *escrevência* se constitui pelo império da leitura e da escrita institucionalizada pelos ensinamentos. Os ensinamentos estão compostos pelos fios dos processos civilizatórios e econômicos, sendo eles sinônimos de um tipo de servidão que captura o aprender como força de mercado para o trabalho, gerando utilitarismos classificatórios e competições que confinam a leitura e a escrita, a edificação dos métodos pela institucionalidade editorial.

A *escrevência* (BARTHES, 2010) escolar, ou seja, quando alfabetização, a leitura e a escrita passam a ser objetivadas por esse tipo de confinamento, a língua e a linguagem entram pelas vias: de textos como modelos escolares de livros didáticos e de livros literários voltados para o ensino, textos acadêmicos, textos científicos, textos escolares como redação, provas e avaliações, relatórios, atividades, que determinam o ato de pedagogização da língua (MATOS, 2009).

A *escrevência*, especificamente, nas pedagogias de alfabetização⁵ (MATOS, 2009), acaba por fazer a exigência da leitura e da escrita escolar como resultado da disciplina oriunda do método alfabetizador, resultando no texto de redação escolar (Ó, 2019). A exigência pela *escrevência* escolar se impõe na alfabetização por meio de uma linguagem submetida ao ensino da língua de ênfase na base alfabética e no sistema alfabético para o ortográfico. Estas práticas também tornam o texto como

4 Da montagem de Didi-Huberman (2011): “[...] dar os meios de ver aparecerem os vaga-lumes no espaço da superexposição, feroz, demasiado luminoso, de nossa história presente” (p. 70). Por isso, a montagem não se trata de simples reagrupamentos, estando implicada na produção da diferença, possibilitando outros movimentos de vida e de pensamento, o que necessita também de certo gesto de interrupção da velocidade no nosso presente.

5 São muitos os discursos sobre a ensino da alfabetização brasileira, desde a cartilha João de Deus até a atualidade com os discursos pedagógicos oriundos do território da saúde, a fonoaudiologia (MATOS, 2009).

um espaço reduzido à atividade de sala de aula ou espaços de avaliação classificatória, eis um tipo de aprendizagem que atende as relações sociais determinadas pelas teorias das pedagogias humanistas capitalistas que mostram: “o ler para escrever, ler para se continuar escrevendo, ler para se ramificar e ampliar o que se está a escrever” (Ó, 2019, p. 178).

Se retirarmos esse discurso utilitarista da *escrivência* sobre o texto, poderemos avançar pelas *escreleituras*, elas lançam palavras lidas no papel, palavras do encontro intransitivo da leitura pela escrita, tais palavras nunca são submetidas ao texto de original ou de origem, nunca são submetidas à autoridade do texto do autor (Ó, 2019). Os fluxos deste encontro intransitivo implicam em um laborioso trabalho de ler práticas literárias constituídas na tradição, sem submeter-se a elas como autoridade do ato de pensar. Encontrar-se com os espíritos da tradição se faz necessário para dar um rigoroso passo em direção aos repertórios literários. Passar junto deles com o procedimento de que: a leitura arrasta a escrita, abre a potência de um devir de um texto acadêmico das pesquisas das alfabetizadoras.

Ao carregar, transportar, deslocar tal experiência laboriosa deste procedimento junto as experiências filosóficas e literárias da tradição, isso estende-se aos trajetos de qualidade e rigor dado por essas afinidades leitoras, mas nunca tal afinidade se reduz a sedução da palavra dada “pela Autor-Deus” (Ó, 2019 p.429). O encontro intransitivo entre a leitura e a escrita transita pela realização de uma montagem de repertórios literários e filosóficos dados pela tradição e *com* eles faz-se a força da presença imposta pelas mãos das pesquisadoras-alfabetizadoras, que fazem da sua leitura uma escrita potência, afetando-se e sendo afetadas por tal procedimento.

A implicação do texto acadêmico como matéria da experiência de leitura que cria (com)possíveis para a escrita tensiona a escrita para sua própria potência. A potência de fruição literária e filosófica é o procedimento de *escreleituras* (GARCIA, 2022). A autoridade do ato de praticar a leitura nunca pode estar subordinada ao autor, mas tal prática arrasta o pensar expresso na mão daquela que se implica no *(l)escrevendo*.

Esse ato de *(l)escrevendo* se constitui pela intensiva e operosa entrada da fruição literária com a filosófica. Tal fruição entra pelas sensibilidades de polissêmicas experiências do itinerário da leitura pela escrita. A fruição se constitui como fruição porque faz a exigência de uma prática de encontros entre rastros de dois mundos de sensibilidades diversas, o território literário pelos encontros - afectos – e o filosófico pelos encontros conceituais (DELEUZE; GUATTARI, 2005).

A fruição literária e filosófica como prática do *literaturar*: entre os afectos e os conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2005), entra nos movimentos textuais por meio de sensibilidades heterogêneas, que criam condições de possibilidades para existência de um texto inventivo na universidade (Ó, 2019). O procedimento de *escreleituras* – leitura arrasta a escrita - abre-se para a extração de matéria para experiências textuais entre as duas fruições sensíveis. O texto acadêmico alarga-se para porvir de uma vida alfabetizadora que fabrica o singular *literaturar-se*. Nas dobras deste *literaturar*, os textos das pesquisas das alfabetizadoras crivam o combate de tensionar o próprio ato de alfabetização, o ato de por vezes disciplinar a linguagem, o ato de por vezes disciplinar e aprisionar o pensar (Ó, 2019). O *literaturar* tem a potência política do ato de quem *(l)escrevendo*, e com tal ato quer liberar vida onde ela foi aprisionada.

O desvio que se coloca nesta experiência do *literaturar* pelas mãos das pesquisas-alfabetizadoras abre passagem para partilha de uma inquietação comum, a de se questionarem sobre o poder do texto institucionalizado e de entender quando ele tem a força de aprisionar o pensar durante o processo de alfabetização de crianças.

Alfabetizadoras, de nosso grupo de pesquisa, enquanto pesquisadoras investem no ato de *literaturar* pelas vizinhanças estrangeiras às suas próprias formações pedagógicas. A entrada pela fruição literária e filosófica na pesquisa dá matéria-viva para a (com)posição de suas artesanias textuais, palavras, frases, rastreando sempre os minúsculos gestos *com* o procedimento de *escreleituras*, para levar o movimento do texto ao máximo de singularização: o ato de expressar (*l*)*escrevendo*. A experiência do *literaturar* em seus próprios textos vem causando um efeito de sentido de questionar a suas entregas pedagógicas da leitura e da escrita aos métodos alfabetizadores, a alfabetização de crianças não pode aprisionar a vida no texto-modelo de apostila.

O *literaturar* tem poder pelas vias das práticas literárias e filosóficas, elas formam uma certa névoa sobre a significação de modelos de linguagens pré-determinados pelo sistema de ensino de texto-modelo. As alfabetizadoras decodificam tal sistema de modelagem de texto gerando uma certa hibridização em seus textos acadêmicos, elaborando-os por meio de colagem e montagem, que são acolhidas pelo ato de *literaturar* seus textos dissertativos.

A importância está em se focalizar nos textos em si, nos sons daquele que lê, na gagueira daquele que faz da vocalidade uma melodia, mesmo aquela melodia iniciada por estudantes que aprendem os rastros fonéticos do lido. O gesto de *literaturar* força o aprender a retirar da leitura literária e filosófica os afectos e conceitos diante de seus problemas e objetivos de pesquisa. Esta é a cuidadosa e vagarosa prática de leitura transgressora, quando a escrita se faz no ato da leitura. Quando a escrita se faz no ato da leitura, a trabalhosa montagem de um texto acadêmico deixa as pistas de seu ato de pensar. Eis o microcombate, *literaturar* a formação de pesquisadoras-alfabetizadoras, dentro das suas próprias pesquisas.

O ato de alfabetizar em espaços de encontros – vida –, entre a leitura que arrasta a escrita e a escrita a leitura, expressa justamente o paradoxo da erudição da linha-pedagógica-metodotizadora em alfabetização e a nossa oferta, de condição tênue, disparada nas pesquisas da rede *escreleituras*.

Assim, retiradas e dadas as tratativas dos devidos territórios, o que importa, sobretudo, é explicitar que o fio-linha do *literaturar* disparado foi escorrido pelo espírito corazziano⁶ ou dito de modo literário, o espírito C. (AQUINO; CARVALHO; ZORDAN, 2022), afirmando que: pelas *escreleituras literatura-se* (CORAZZA, 2011). Tal afirmação arrasta muitos mundos (com)possíveis de escrita, atravessada pela feitura de *escreleituras* experimentadas pelas pesquisadoras-alfabetizadoras, como uma nova trama com a linguagem escrita.

A matéria do texto vida-leitura-escrita-viva força a extração de sentidos pela trama das *escreleituras* (CORAZZA, 2011), que operam nas nossas propostas de pesquisa sempre de modo a fazer, desfazer, refazer em devoração pela extração, traição e tensão de uma língua menor (DELEUZE; GUATTARI, 1977) como matéria de efetuação na pesquisa em alfabetização. Nos apoiando na imagem de uma língua menor, não de tamanho pequeno, mas menor por ser impensável. A experimentação é o que permite - pelas *escreleituras literaturar-se* – que os textos das pesquisadoras-alfabetizadoras respondam a sinais⁷ que vibram pelas produções de gestos menores (DELEUZE, 2014), que acontecem no dia-a-dia dos cenários alfabetizadores destas pesquisadoras.

6 Tal espírito é parte de uma homenagem a Professora Dra. Sandra Mara Corazza, que faleceu em janeiro de 2021, o livro em homenagem a ela se refere a ela como um espírito num sentido corazziano (AQUINO, CARVALHO, ZORDAN, 2022).

7 Sentidos, dados, significados das marcas.

Protocolos de experiência: o *literaturar* das dissertações

A vibração das pesquisas no grupo de pesquisa Pedagogia da Diferença investe na formação de alfabetizadoras que ganham e se implicam na prática de leitura pela escrita de fruição literária e filosófica. Este tipo de investimento formativo ocorre sobre um efeito investigativo que faz “um pequeno farrapo de método em exercício” (DELEUZE, 2014, p.51). O ato de *literaturar* na formação destas alfabetizadoras é parte da metodologia das pesquisas. Ele possibilita o procedimento ousado de montar, desmontar, remontar, sem cessar a fantasia de *escreleituras* (CORAZZA, 2011). A arrastada para a escrita e a escrita para a leitura – as *escreleituras* – se formam nos minúsculos gestos de experimentações de método em exercício. O rigor e qualidade se expressam na experimentação no modo de fazer da dissertação, ou dito de outro modo, expressam-se por meio de um protocolo de experiência, que sempre é único e singular.

O relevante do *literaturar* na formação de pesquisadoras-alfabetizadoras é que ele trama os desafios de sala de aula como parte dos problemas investigativos, e assim, aliança-se o método das pesquisas com o próprio ato de *literaturar*. Este método de pesquisa acontece por meio da fruição literária e filosófica escolhida em cada uma das dissertações. As escolhas filo-literárias são parte da experiência do ato de escrever uma pesquisa que faz da “experimentação, ou seja, dos protocolos de experiência”⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 13) a expressão de uma escrita acadêmica, que visibiliza o impacto de modos vivos e inventivos na formação de alfabetizadoras.

O termo protocolo é trazido para este artigo em dois sentidos, um primeiro, capturado pelo senso comum, sobre a força do protocolo de organização (BORGES, 2018), esse se faz pela força de texto que marque a evidência de registro demonstrativo, de registro administrativo, de formulário e de conjunto de regra útil, que tenham o poder de modelar, padronizar o registro.

O protocolo de experiência (DELEUZE; GUATTARI, 1977) é o segundo sentido extraído do primeiro protocolo, se carregarmos uma das características deste protocolo, como a força de evidenciar o registro e a de delimitar numa mistura com o procedimento de *escreleituras*. O procedimento de *escreleituras* requerer a experimentação de “fazer o texto” pelo encontro com a fruição literária e filosófica, escolhida pela pesquisadora, assim pode acontecer o ato de *literaturar* o texto dissertativo.

O protocolo de experiência atua na experimentação de sistemas em que o texto cresce direcionado pela experimentação-vida: “por sua vez, o protocolo de experiência carrega consigo a prudência como elemento indispensável” (BORGES, 2018, p.14). A prudência de sempre estar *com* a vida-alfabetizadora *entre* as forças de fruição literária e filosófica, forçando um certo escorrer do ato de poder *literaturar* seus textos acadêmicos.

Essa experimentação é a condição do protocolo de experiência-vida-leitura-escrita-viva, abrindo-se como um elemento do método investigativo que mostra a criação dos processos de sua trama - plano de consistência retirados dos (com)possíveis dos dados-fruição (CORAZZA, 2017) de uma pesquisa. A experimentação deste protocolo de experiência (com)possíveis linhas do *literaturar* traduzem uma espécie de montagem ao modo de bricolagem. O historiador Ó (2019) afirma que o texto de bricolagem faz movimentos incidentais. O ato de *bricolar* se constitui na ação de coletar matérias para fazer uma atenta coleção para montagem de uma (com)posição. Esta engenharia textual exige sempre uma experimentação inconclusa, a fragilizada e porosa heterogeneidade desta (com)posição vive de resíduos da fruição literária e filosófica escolhida para *bricolar* o texto, tendo o texto uma peça discursiva que envolve a montagem de resíduos de encontros de matérias-vivas pelas *escreleituras*.

8 Partimos, para ampliar esse encontro conceitual nos livros: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (DELEUZE; GUATTARI, 1996); *Kafka: uma literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 1977); *Diálogos* (DELEUZE; PARNET, 1998).

A bricolagem-texto que quer *literaturar* são extrações das ações da “experiência que experimenta” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.17) na duração de uma fantasia de pesquisa que não para de “criar outras composições possíveis em educação nesse processo de montagem de heterogeneidade de signos com a literatura, a filosofia...” (MATOS; SCHULER, 2020, p. 224), para a montagem de “protocolos de experiência” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 13) pelo *literaturar*.

Esta montagem quer criar produção operativa tendo o risco de produzir algo sensível ao acontecimento de uma experimentação-vida, o inventivo deste protocolo é mostrado nas quatro dissertações onde se arrastam o *literaturar* para formação de alfabetizadores e para o território da alfabetização.

A própria experiência é o *com-junto* daquilo que aparece e, enquanto tal, abre-se pela experimentação inconclusa dos movimentos emitidos de quem *(l)escrevendo* e vibra em meio a nova vida de pesquisar alfabetizando. O procedimento de *escreleituras* nos leva o *literaturar* para dentro do grupo de pesquisa da Pedagogia da Diferença, na alfabetização (MARUJU; MATOS, 2022) e lança um tipo de combate para aprender a vida por meio de um *com-junto* (SKLIAR, 2014) de mulheres pesquisadoras-alfabetizadoras.

Pela extensão deste tipo de experimentação pela “montagem de pesquisa em educação” (MATOS; SCHULER, 2020), os textos dissertativos são parte de fluxos inventivos: “são os fluxos que são dados e a criação consiste em recortar, organizar, conectar os fluxos, de tal maneira que se desenhe ou que se faça uma criação em torno de certas singularidades extraídas dos fluxos” (DELEUZE, 2014, p.151). O dado-fluxo (CORAZZA, 2017) é extraído da experiência que experimenta o *literaturar* na formação de pesquisadoras-alfabetizadoras.

Abaixo, indicaremos quatro protocolos de experiências de escritas acadêmicas, produzidas pelos textos dissertativos que envolvem em torno de 30 (trinta) professoras-alfabetizadoras, de três municípios da serra gaúcha; sendo que as pesquisadoras-alfabetizadoras atuam em sala de aula e suas matérias de pesquisas passam por seu dia-a-dia de sala de aula, nas escolas públicas, onde atuam. As dissertações estão detalhadas a seguir e elas têm os seguintes títulos: 1. 11 de março de 2020. Diário de uma vagabunda alfabetizadora; 2. Texto como escritura. Conselhos em alfabetização; 3. Aprendizado como potência de agir. Uma tentativa na alfabetização; 4. Cenas alfabetizadoras.

1. Título da dissertação: 11 de março de 2020: diário de uma vagabunda alfabetizadora⁹ (MARI-NELLO, 2021). Protocolo de experiência de fruição-literária do diário de uma vagabunda alfabetizadora: O texto desta dissertação, ao modo de diário, mostra as atividades de alfabetização das alfabetizadoras deste município. Essa cartografia envolve o ato de *literaturar* a alfabetização no próprio texto da dissertação. Para isso, a pesquisadora faz o investimento de escrita do tipo: *escreleituras* de diário, retiradas do encontro com as fruições literárias da escritora Anne Frank (2018), do francês escritor-educador Fernand Deligny (2018) e da artista plástica Frida Kahlo (2017). O encontro desta pesquisadora-alfabetizadora se constitui numa inventiva montagem de foto-colagens que expressam o texto da dissertação.

9 Na escrita do texto as fotos criadas retalham dez atividades de alfabetização, de dez professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da rede Municipal de Veranópolis/RS, em meio a pandemia e ao ensino remoto, anos 2020 e 2021. A retalhação é o próprio método da pesquisa pela qual a escritura acontece. Assim, a escrita do diário-pesquisa movimenta-se por quatro luas. Lua nova trata de como a investigação e o método ganham espaço na pesquisa, a vagabunda surge na cena. Lua crescente mostra alguns dos retalhos políticos e educacionais da Covid-19. Lua cheia aponta alguns movimentos das pedagogias de alfabetização e seus retalhos maiúsculos e minúsculos. Lua minguante, na qual estão as dez atividades de alfabetização durante o ensino remoto tensionadas pela própria atividade de retalhação, sendo transformadas por meio de algumas foto-colagens, possibilitando por meio da pesquisa de Borges (2018) mostrar a relevância do investimento da atividade em sala de aula como constituidora de um ato singular de planejamento que problematiza, investiga e questiona as práticas dos métodos e dos livros didáticos de alfabetização.

2. Título da dissertação: Texto como escritura: conselhos em alfabetização¹⁰ (PACHECO, 2021). Protocolo de experiência de fruição-literária por conselhos pedagógicos: O texto desta dissertação é apresentado ao modo de conselhos pedagógicos. Ela, uma alfabetizadora envolve o ato de *literaturar* a alfabetização no próprio texto da dissertação. Para isso, a pesquisadora faz o investimento de escrita do tipo: *escreituras* de conselhos pedagógicos inicialmente escutados pelo seu avô, um narrador-fantasma (MARÍAS, 2011), que se mistura na dissertação por ser um adulto não-alfabetizado. Os conselhos são retirados dos encontros de fruições literárias de Sêneca (2018) e do francês escritor-educador Fernand Deligny (2018). Tais encontros potencializam uma pesquisadora-alfabetizadora que se constitui numa inventiva montagem de imagens fotográficas de seu avô, misturadas a conselhos para alfabetizadoras, feitos por escrita de movimentos manuscritos da pesquisadora.

3. Título dissertação: Aprendizado como potência de agir: uma tentativa na alfabetização¹¹ (BU-SATO, 2021). Protocolo de experiência de fruição-literária-filosófica: O texto desta dissertação é apresentado ao modo de ensaio (SKLIAR, 2014) de fruição literária e filosófica (GARCIA, 2022). O ensaio envolve o ato de *literaturar* a alfabetização no próprio texto da dissertação. Para isso, a pesquisadora faz o investimento de escrita do tipo: *escreituras* por meio um encontro com um texto da tradição literária: Spinoza e Deleuze (DELEUZE, 2019). A pesquisadora-alfabetizadora mistura na dissertação os movimentos conceituais e a imitação do estilo de escrita dos autores. Tais encontros potencializam uma pesquisadora-alfabetizadora que se constitui em imagens-textos de afecção do processo de alfabetização de duas crianças.

4. Título da dissertação: Cenas alfabetizadoras¹² (DE CONTO, 2024). Protocolo de experiência de fruição literária e filosófica por meio de cenas alfabetizadoras: O texto desta dissertação é apresentado por meio de cenas, inspiradas pela literatura: *Lições de casa. Exercícios de imaginação*

10 Esta dissertação problematiza a noção de texto no ensino da alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, investigando, por meio de legislações voltadas à educação, o texto para: a função escolar, prática social e escritura. Com isso, esta pesquisa tem o objetivo geral de problematizar a noção de texto no ensino da alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental. Assim, a investigação se constitui por um ensaio teórico com alguns autores clássicos da alfabetização e algumas legislações. O ensaio do texto dissertativo ocorre por meio das lembranças de infância desta professora-alfabetizadora-pesquisadora, criada por um avô que não sabia ler, nem escrever. A escrita passa a ser guiada por ele, numa voz que a dissertação assume e se transforma em três conselhos, a saber: I. Localize nas leis e em materiais didáticos a noção de texto para a função escolar; II. Localize nas leis e em materiais didáticos a noção de texto como prática social; III. Localize a noção de texto por escritura, que traz uma contribuição à sala de aula em alfabetização. Este último pretende alargar as possibilidades de um texto que se faz com a leitura pela escrita e com a escrita pela leitura em meio à vida.

11 O tema alfabetização ensaia junto à filosofia da educação da diferença por meio de uma tentativa de aproximar o aprendizado como potência de agir à alfabetização. A partir da problematização, o objetivo ensaia a tentativa por meio de três capítulos, nos quais a primeira parte traz as memórias de infância que conduziram à problematização da posição de não-aprendizagem a partir do tema aprendizado e a potência de agir; a seguinte mostra a aprendizagem e sua ligação com as pedagogias de alfabetização e a representação; e a terceira e última parte é a tentativa por meio da qual o estudo da potência de agir dos corpos pela perspectiva do Spinoza, lido pelo filósofo Deleuze (2019), e sua capacidade de afecção em encontros uniram-se à educação, e ensaiou-se uma abertura, traçando assim, possibilidades na alfabetização. A tentativa afirma o aprendizado como potência de agir, ou seja, o aprendizado que entra no jogo das afecções (DELEUZE, 2019) e a ideia-afecção (o corpo é mais afectado do que afecta outro corpo) permite abrir a defesa na área da alfabetização, investindo na perspectiva da ética.

12 A dissertação está vinculada à linha da História e Filosofia da Educação e a pesquisadora ao Grupo de Estudos Pedagogia da Diferença. A pesquisa tem como título, e tema, cenas alfabetizadoras, seu método cartográfico foca em cenas de sala de aula escritas no espaço de ateliê pelas alfabetizadoras do Município de Veranópolis - RS. Neste espaço se problematiza: como as alfabetizadoras participantes do ateliê alfabetizam? O texto da pesquisa forma-se por linhas cartográficas que se faz em quatro blocos: o primeiro mostra cenas de vida de uma professora e de sala de aula que movimentam cartógrafa-alfabetizadora. O segundo bloco movimenta os estudos das pedagogias alfabetizadoras: os métodos de alfabetização, processos psicogenéticos e o letramento (MATOS, 2009). No terceiro bloco, apresenta-se a elaboração do ateliê. O último bloco - fechando o estudo, com as cenas escritas por doze alfabetizadoras do Município de Veranópolis - RS -, retoma a pergunta da dissertação, afirmando que as participantes do ateliê alfabetizam do modo como o escritor francês Roland Barthes (2003) denominou: como viver junto. As cenas escritas expressam que as alfabetizadoras alfabetizam por meio dos ritmos de heterorritmia e de idiorritmia (BARTHES, 2003). As cenas de alfabetização pelo ritmo de heterorritmia são escritas pelas práticas das pedagogias alfabetizadoras. As próprias cenas de heterorritmia também expressam uma tentativa de ritmo de alfabetização, buscando o movimento da idiorritmia - movimento de retirar o mais singular do que se passa durante o processo de alfabetização na sala de aula.

(LADEIRA, 1978)¹³ e o livro do filósofo francês Jacques Rancière, sobre o método cena (2021). Tais encontros de *escreleituras* potencializam uma pesquisadora-alfabetizadora que se constitui numa inventiva montagem ao modo de cenas do cotidiano alfabetizador das professoras das escolas públicas de sua cidade.

Experiência inconclusa

A experiência nunca está acabada, a experimentação a leva a movimentos inconclusos. Retornando ao objetivo deste texto, que é mostrar como o *literaturar* se constitui como parte da experiência da leitura de fruição literária e filosófica nas escritas das dissertações das pesquisadoras-alfabetizadoras, temos o dado-fluxo das quatro pesquisas (CORAZZA, 2017) deste grupo de pesquisadoras-alfabetizadoras, a matéria dos diversos temas sobre a alfabetização, a condição de texto-montagem, uma bricolagem textual que sempre aponta em direção ao risco do texto-inventivo. Como parte dos resultados, afirmamos que as participantes alfabetizadoras do grupo de pesquisa e em suas investigações criam um microcombate de fruição filo-literária no território de sua formação, quando exercitam o *literaturar* em suas escritas acadêmicas.

Ainda, o movimento dos dados-fluxos das quatro pesquisas possibilita mostrarmos e apontarmos a condição de que esta expressão do *literaturar* é parte do ato de pensar, significado pela montagem de seus protocolos de experiências de pesquisas, que são inventivos. Cada um dos protocolos de experiências exprime marcas, faz rastros, inventa linhas de esquivas, produz resistências aos modelos de textos, expressa o (com)possível de um processo de pesquisa, já que “[...] só pode haver uma coisa, a experimentação-vida” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 61) em educação.

Ao deslocarmos da obra de Deleuze e Parnet (1998) o conceito de protocolo de experiência, esgarçamos um acolhimento das experimentações do *literaturar* como um ato movente que apresenta com o rigor acadêmico nossas inserções de pesquisa pelo risco da fragilidade, que “[...] nunca se sabe de antemão, pois já não se tem nem futuro nem passado” (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 61). O que se faz com a força do procedimento de *escreleituras* e do ato de *literaturar* é sempre brincar as matérias de fruição literária e filosófica na vida de professoras-pesquisadoras-alfabetizadoras, e estas matérias sempre se expressam de modo que a experimentação-vida seja o nosso vitalismo frente à institucionalização do texto.

O vitalismo da experimentação-vida apresentados nos protocolos de experiência das pesquisas das alfabetizadoras são posicionamentos de textos acadêmicos que para *literaturar*, fizeram de suas *escreleituras* os resíduos de uma pequena porção da potência de agir sobre o ato de pensar a alfabetização e ir recortando, compondo com os limites e (im)possíveis que tal desafio se impõe na experimentação (LAPOUJADE, 2017). Tais matérias de *escreleituras* são textos constitutivos dos fluxos de experiência (DELEUZE; GUATTARI, 1977) que aumentam a potência de agir de “professorinhas” alfabetizadoras do interior da serra gaúcha.

13 O livro é constituído por uma série de composições literárias, evocadas por aqueles quadros colocados em cavaletes, sobre os quais antigamente se exercitava a redação nas escolas. Cada um dos autores, convocados por Julieta de Godoy Ladeira (1978) - Afonso Romano de Sant'Anna, Antonio Callado, Ferreira Gullar, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Osman Lins e Ricardo Ramos -, escolheu um desses quadros e escreveu uma “redação” sobre ele, como nos velhos tempos. O editor em questão, tomado por um irresistível sentimento nostálgico, tendo ele mesmo sido introduzido nas artes da redação por essas deliciosas estampas, achou que seria uma boa ideia transcrever algumas dessas composições e ilustrar a capa com alguns desses quadros.

Referências

- AQUINO, Julio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual**. Uma plataforma para o *éthos* docente. São Paulo: Cortez, 2014.
- AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. **Sandramaracorza: obras, vidas etc.** Porto Alegre: UFRGS Rede Escreleituras, 2022, p. 770-778.
- BARTHES, Roland. **Da ciência à literatura**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BARTHES, Roland. **Como viver junto: Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos**. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. Texto estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.
- BORGES, Gonçalves Bruno. **Adeus, Formação: o anti-Emílio anunciador do conceito de programa de vida**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, f. 328, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24074/1/AdeusForma%c3%a7%c3%a3oAnti.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2024.
- BUSATO, Fernanda Reginato. **Aprendizado como potência de agir: uma tentativa na alfabetização**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, f.59, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/9688>>. Acesso em: 21 maio 2024.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Oficinas de Transcrição**. Caderno de notas 1. Observatório de Educação Escreleituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escrita e tradução de dados. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; Ufrgs, 2017, p. 274-291.
- DE CONTO, Marli. **Cenas alfabetizadoras**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, f.116, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/13351?locale-attribute=de>>. Acesso em: 21 mai. 2024.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Conversações**. 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. Mesa redonda sobre Proust (1975). In: **Dois regimes de loucos**. Textos e entrevistas (1975-1995). DELEUZE, Gilles. Edição preparada por David Lapoujade. Tradução de Guilherme Ivo. Revisão Técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Curso sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. 3ª Edição. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUece, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka. Por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELIGNY, Fernando. **Os vagabundos eficazes** operários, artistas, revolucionários: educadores. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DIDI- HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. 75ª ed. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2018.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo**. São Paulo: José Olympio, 2017.

GALLO, S. Filosofias da diferença e educação: o revezamento entre teoria e prática. In: CLARETO, S. M.; FERRARI, A. (Orgs.). **Foucault, Deleuze & Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p.49-64.

GARCIA, Wladimir. Escriteiras: o multifacetado da multiplicidade na formação pedagógica e no pensamento. In: AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. **Sandramaracorza: obras, vidas etc**. Porto Alegre: UFRGS Rede Escriteiras, 2022. p. 770-778.

LADEIRA, Julieta Godoy. (Org.). **Lições de casa**. Exercícios de imaginação. São Paulo: Novo Norte, 1978.

LAPOUJADE, David. **William James**. A construção da experiência. Tradução Hortência Santos Lencastre. Revisão técnica Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Editora n-1, 2017.

MARÍAS, Javier. A arte da ficção 90 (2006). In: **As entrevistas de Paris Review**. Vol. I. Tradução Christian Schwartz e Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 419-459.

MARINELLO, Cátia. **11 de março de 2020: diário de uma vagabunda alfabetizadora**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, f.176, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/9682>>. Acesso em: 21 maio 2024.

MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos. Literaturar: uma escrita pelo ato. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, f. 259, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/13153>>. Acesso em: 21 maio 2024.

MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos; MATOS, Sônia Regina da Luz. Rastros do literaturar. **XIV ANPED SUL**. ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 2022. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/43/10542-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2024.

MATOS, Sônia Regina da Luz, SCHULER, Betina. Arqueo-montagem da aula. **Revista Teias**. Seção Temática - Docência, currículo, didática, aula: fantástico arquivo político da diferença. UERJ. v. 21, n. 63, out./dez. 2020, p. 220-233. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/53936>>. Acesso em: 21 mai. 2024.

MATOS, Sônia Regina da Luz. **Alfabetização e escritura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Micrométodo de pesquisa em educação. In: STECANELA, Nilda (Org.). **Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador**. Caxias do Sul: Educs, 2012, p.113-128.

MATOS, Sonia Regina da Luz. **Procedimentos de escritura e afectologia na alfabetização de crianças**. Abordagens cruzadas entre e filosofia da diferença e a psicologia intercultural. f. 205. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/107942?locale=pt_BR> Acesso em: 21 mai. 2024.

Ó, Jorge Ramos. **Fazer a mão**. Por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Edições Saguão, 2019.

PACHECO, Alice Virgínia de Oliveira Pacheco. **Texto como escritura: conselhos em alfabetização**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, f. 86, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9683/Disserta%20Alice%20Virginia%20de%20Oliveira%20Pacheco.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 maio 2024.

PIMENTEL, Eliana Camillo Barra Nova de Melo. A formação do alfabetizador: um estado da arte. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 18, 31 dez. 2022. Disponível em: <<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/le/view/642>>. Acesso em: 21 mai. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **O método da cena**. Tradução Angela Marques. Rio de Janeiro: Editora Livraria Travessa, 2021.

SCHULER, Betina; MATOS, Sônia Regina Luz; CORAZZA, Sandra Mara (Orgs.). **Cadernos de notas 6: experimentações de escrita, leitura e imagem na escola**. Coleção Escriteiras. Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2014. 178 p. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1iZVxzizEMssvJZYg4OeuDnBsy54JIMWq/view>>. Acesso em: 21 mai. 2024.

SÉNECA, Lúcio Aneu. **Cartas à Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: Educar. Autêntica Editora, 2014.

Recebido em: 10/06/2023

Aceito em: 30/05/2024